

## VIVENCIANDO O GOALBALL, A BOCHA E O BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

SANTOS, Joany Vitória Vieira dos<sup>1</sup>

CORDEIRO, Lucas Luan de Brito<sup>2</sup>

SANCHES NETO, Luiz<sup>3</sup>

**RESUMO:** Na abordagem anticapacitista das aulas de educação física (SILVA; PAULA, 2023), é importante incluir alunos/as com diferentes capacidades, inclusive pessoas com deficiência (PCD). A metodologia utilizada envolveu a adaptação de demandas ambientais e materiais, permitindo a vivência de esportes paralímpicos, como *goalball*, bocha e basquete em cadeira de rodas. Os resultados indicaram maior participação objetiva e engajamento subjetivo dos/as estudantes, especialmente daqueles/as que não se envolvem habitualmente nas aulas. As aulas proporcionaram novas vivências, despertando curiosidade e incentivando a inclusão de todos/as estudantes. A variedade de conteúdos temáticos e a abordagem contextualizada sobre o anticapacitismo foram fundamentais para promover aprendizagens significativas à educação física inclusiva e socialmente justa. Ao final, enfatiza a relevância de práticas pedagógicas adaptadas às idiossincrasias dos/as estudantes, ampliando as oportunidades de aprendizagem a partir das vivências e experiências no ensino médio.

**PALAVRAS-CHAVE:** PIBID; educação física adaptada; esporte paralímpico; ensino médio; anticapacitismo.

### 1 INTRODUÇÃO

As diversas formas de exclusão nas aulas de educação física dos/as alunos/as com níveis menos elaborados de habilidade motora, pessoas com deficiência (PCD),

---

<sup>1</sup> Bolsista do PIBID em Educação Física — Universidade Federal do Ceará — UFC — joanyvitoria30@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em Educação Física — ProEF — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará — IFCE — lucasluan.brito@educacao.fortaleza.ce.gov.br

<sup>3</sup> Coordenador do PIBID e do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional — ProEF — Universidade Federal do Ceará — UFC — luizsanchesneto@ufc.br

entre outros grupos marginalizados, ainda é uma realidade desafiadora. Podemos encontrar formas de trabalhar com os/as alunos/as vivências que incluam, fomentem experiências complexas e despertem neles/as reflexões sobre a importância da inclusão (COELHO; CHEREGUINI; SANCHES NETO, 2018). Uma forma de buscar incluir todos/as alunos/as nas aulas é diversificando os conteúdos, adaptando as atividades e incentivando sua participação objetiva e seu envolvimento intersubjetivo (SILVA; PAULA, 2023).

Além disso, é importante fortalecer aspectos conceituais relacionados ao movimento, tendo como referência a educação física escolar, para proporcionar aos/às alunos/as a potência desses conhecimentos. Sabendo a proporção demasiada do elemento cultural esporte na educação física escolar, os/as alunos/as podem compreender suas implicações a começar pela formação de cidadãos/os críticos/as, transformadores/as e reflexivos/as (BARROSO, 2020). Assim, compartilhar práticas bem-sucedidas pode promover o desenvolvimento do ensino de modo socialmente justo (UNESCO, 1994).

Nesse sentido, introduzir debates sobre a inclusão de PCD nas escolas e dentro da educação física pode, por um lado, incentivar a vivência de esportes paralímpicos e, por outro lado, pode despertar reflexões dos/as alunos/as sobre as dificuldades, preconceitos e superações enfrentadas pelas PCD. Dito isso, uma colaboração escolar inclusiva bem-sucedida requer mudanças em todos os aspectos da escolaridade, tais como mudanças no currículo, acessibilidade, organização escolar, filosofia escolar e atividades complementares (UNESCO, 1994). O objetivo deste trabalho é relatar experiências sobre adaptações acerca dos esportes paralímpicos, proporcionando aos/às alunos/as novas vivências baseadas na inclusão e no anticapacitismo nas aulas de educação física.

## **2 METODOLOGIA**

Este trabalho é um relato de experiência sobre a adaptação de elementos culturais e demandas ambientais físicas nos espaços de uma escola de ensino médio

profissionalizante para a realização de aulas práticas na temática de esportes paralímpicos. As vivências foram idealizadas e ministradas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Ceará (UFC), no subprojeto de educação física, e pela professora supervisora.

Os esportes paralímpicos escolhidos para serem tematizados foram o *goalball*, bocha e o basquete em cadeira de rodas. *Goalball* é um esporte praticado por pessoas com deficiência visual, as dimensões da quadra são as mesmas do voleibol e a partida é dividida em dois tempos de 12 minutos com três minutos de intervalo. As vivências de *goalball* ocorreram tanto na quadra quanto em um galpão da escola, que antes era utilizado como depósito, mas após intervenção dos/as bolsistas do PIBID tornou-se espaço para as aulas de educação física. Já a bocha e o basquete em cadeira de rodas ocorreram apenas na quadra. A bocha adaptada é similar à convencional e o objetivo de cada jogador/a é lançar o maior número de bolas na bola que estiver na mira. É praticada por atletas com deficiências severas ou elevado grau de paralisia cerebral.

A quadra da escola tem problemas com infiltração de água em dias de chuva, por conta de defeitos estruturais na sua cobertura. Por essa razão, algumas aulas de *goalball* tiveram que ser realizadas no galpão que foi adaptado, sendo uma das barreiras físicas superadas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização das aulas práticas de *goalball* foi necessário realizar a adaptação do solo dos ambientes, para que os/as alunos/as pudessem sentir o espaço onde estavam, já que durante a vivência eles/as ficaram de olhos vendados. A utilização de fitas adesivas e barbantes foi a estratégia escolhida para fazer a demarcação em alto relevo no chão da quadra e do galpão. A instalação da fita com o barbante foi realizada pelos/as bolsistas que estavam presentes durante as aulas que seriam ministradas.

A fita e o barbante foram ajustados de acordo com as linhas de fundo do vôlei, e as linhas laterais do futsal, para que houvesse espaço para mais alunos/as

participarem simultaneamente. Foi utilizada uma bola com guizo (material que proporciona ruídos identificáveis à audição), apropriada para a modalidade, e os/as alunos/as receberam vendas produzidas pela professora supervisora para que pudessem vivenciar o *goalball*.

As vivências de bocha ocorreram com a adaptação das cadeiras e das bolas. Foram utilizadas cadeiras de plástico do refeitório da escola e bolas de handebol que estavam mais secas. O círculo central da quadra foi aproveitado como alvo, onde havia uma bola à qual todos/as alunos/as tinham que aproximar as suas bolas para vencerem a partida.

Ambas as atividades foram realizadas em forma de competição. Os/As alunos/as organizaram-se em grupos para disputar entre si e, ao final, debatemos sobre a importância de aprender sobre esportes paralímpicos na escola para inclusão de PCD. Além disso, ao final das aulas em todas as turmas, a professora supervisora fez um convite para realizar um jogo-treino na escola a um time de basquete em cadeira de rodas.

A temática em questão foi trabalhada apenas nas turmas dos segundos anos, pois no início do semestre a professora realizou planejamento participativo (SILVA; NOFFS, 2020). Os/As estudantes do segundo ano escolheram dois assuntos para serem problematizados em dois dos quatro bimestres, ou seja, as turmas escolhiam dois temas e a professora os outros dois de acordo com os conteúdos previstos. Entretanto, todos/as alunos/as da escola foram convidados/as para assistir. Após o término do jogo, os/as estudantes foram convidados/as para sentar-se nas cadeiras de rodas e jogar um pouco junto com o time. Foi um momento importante, já que muitos alunos/as relataram que nunca assistiram a jogos de basquete em cadeira de rodas.

Ao planejar e viabilizar as aulas, os/as bolsistas e a professora encontraram obstáculos para realizar as vivências. Um deles foi a falta de material, que foi solucionado com uso de materiais alternativos, como as bolas de handebol utilizadas na bocha, a bola com guizo emprestada por outra professora, as fitas para delimitações na quadra e o “tecido não tecido” (TNT) para vendar os olhos dos/as

alunos/as. Essas soluções mostram que, apesar de desafiador, não é inviável ensinar quaisquer conteúdos temáticos devido à eventual escassez de material específico nas escolas.

Na primeira aula do elemento cultural *goalball* foi realizada uma vivência dispondo todos/as estudantes em um círculo com os olhos vendados e as pernas afastadas, com objetivo de tentar “fazer o gol” entre as pernas dos/as colegas. Como não havia TNT suficiente para todos/as alunos/as ficarem vendados/as, alguns/as tiveram que permanecer de costas no círculo e outros/as ficaram de fora para auxiliá-los/as. Foi perceptível o incômodo de alguns/as alunos/as por conta da venda que ficava em seus olhos. Alguns/as trapaceavam e deixavam brechas na venda para tentar visualizar algo. Outra dificuldade foi obter silêncio, pois a atividade dependia disso para escutar a bola com guizo. Verificamos que alguns/as alunos/as realmente tentaram perceber o barulho do guizo para defender a bola com o intuito proposto.

Na segunda aula, que foi baseada no jogo propriamente dito – ou, mais criteriosamente, na modalidade esportiva *goalball* – percebemos maior concentração e silêncio. Como eram muitos/as alunos/as, a adaptação feita para inclusão de todos/as foi organizar a turma em várias equipes. Para ninguém ficar sem participar, quem não estava jogando permanecia na lateral e no fundo de quadra do vôlei orientando as equipes que estavam jogando. Foi realizado um “rodízio” entre todas as equipes até que todos/as estudantes participassem. Na prática da bocha, por nunca terem contato com esse elemento da cultura, alguns/as alunos/as mostraram-se resistentes em participar da vivência, mas no decorrer da aula foram se envolvendo intersubjetivamente e todos/as participaram objetivamente.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao finalizar as vivências, percebemos que nessas aulas os/as alunos/as mostraram-se mais participativos/as. Por um lado, muitas alunas que habitualmente não participam das aulas de educação física, desta vez participaram. Por outro lado, a evasão habitual poderia ser explicada por diferentes questões – como apontado por

Darido, González e Ginciene (2020) – como a repetição dos conteúdos e a baixa diversificação dos temas. Assim, fatores como novidade e diversidade podem ter sido importantes para estimular participação dos/as alunos/as, aumentando seu engajamento nas aulas, já que despertavam a curiosidade para novas práticas corporais ainda não vivenciadas.

Analisamos que a maioria dos/as alunos/as não conhecia essas práticas, por isso houve inclusão efetiva de todos/as estudantes presentes, sobretudo daqueles/as que não participam habitualmente das aulas de educação física pela pouca afinidade com os elementos culturais de caráter hegemônico, como as modalidades esportivas coletivas mais populares no país. Ademais, de acordo com Coffani *et al.* (2018), a proposta de práticas inclusivas no ensino médio não pode ser limitada a uma ação explicativa, mas sim potencializada por uma intencionalidade pedagógica contextualizada às realidades situadas dos/as alunos/as, tornando suas aprendizagens significativas.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, A. L. R. Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar. In: Albuquerque, D. I. D. P. DEL-MASSO, M. C. S. (orgs.). **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço do ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, pp. 83-104.

COELHO, R. S.; CHEREGUINI, P. A. C.; SANCHES NETO, L. Educação física escolar para estudantes com deficiência visual na perspectiva do ensino por múltiplos exemplares. **Revista de Educação Física, Saúde e Esporte**, Limoeiro do Norte-CE, v. 1, n. 1, pp. 31-46, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21439/refise.v1i1.56>. Acesso em: 23 mar. 2024.

COFFANI, M. C. R. S.; GRUNENVALDT, A. C. R.; GOMES, C. F.; MOREIRA, E. C.; GRUNENVALDT, J. T. Problematizações para uma prática pedagógica

inovadora da educação física no ensino médio. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 3, pp. 101-114, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br>. Acesso em: 20 mai. 2023.

DARIDO, S. C., GONZÁLEZ, F. J., GINCIENE, G. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar. In: Albuquerque, D. I. D. P. DEL-MASSO, M. C. S. (orgs.). **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço do ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, pp. 105-129.

SILVA, I. N., & PAULA, A. I. Inclusión de alumnos con discapacidad en educación física: Identificando contextos, actitudes y niveles de actividad física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 28, n. 302, pp. 2-16, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.46642/efd.v28i302.3947>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SILVA, P. A.; NOFFS, N. A. **Planejamento participativo nas aulas de educação física escolar: significados existentes nesta proposta**. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 26 mar. 2023.